

Nilce DA SILVA (301)

**Les métaphores de la relation entre l'être et l'univers lettré :  
les indicateurs de "lettrisme(a)-fonctionnel"**

*“...ou assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância”*

Carlo GIZBURG. “Sinais: raízes de um paradigma indiciária”. In GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Este trabalho está dividido em três partes. Na primeira, são discutidas as limitações encontradas nos atuais instrumentos brasileiros que buscam definir indicadores dos níveis do processo de alfabetização. Na segunda parte, apresentaremos os limites dos respectivos indicadores utilizados considerados “objetivos” pelo qual as pessoas que aprendem a ler e a escrever são “avaliadas” e apresentaremos o conceito de letrismo a-funcional, mais adequado ao nosso objeto de estudo – relação Homem / Universo Letrado. Em seguida, apresentamos parte dos dados coletados junto a jovens e adultos, estudantes do período noturno, em situação de pouca ou nenhuma escolarização na cidade de São Paulo, focalizando a relação que os mesmos estabelecem com a escrita. Apresentaremos um novo paradigma para se analisar a relação Homem / Universo Letrado: metáforas: oito histórias de amor gregas. Finalmente, faremos algumas considerações finais.

**Parte I- Instrumentos de medição do “analfabetismo”: limites e possibilidades.**

Um dos livros considerados referência neste sentido é “Letramento no Brasil- Reflexões a partir do INAF 2001”. Nesta obra há uma série de artigos que comentam o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF).

Para viabilizar o levantamento deste índice, o Instituto Paulo Montenegro - criado pelo IBOPE - e Ação Educativa - uma ONG - realizaram parceria e utilizando uma amostra com 2.000 pessoas de quinze a sessenta e quatro anos, e verificaram as habilidades de e escrita desta população.

No decorrer da mesma, percebe-se que tais afirmações foram abandonadas no momento da realização dos testes elaborados para a construção do INAF e mesmo os autores da obra, sem serem explícitos, mostram as lacunas dos testes e, portanto do referido indicador.

Apesar de atribuímos à obra « Letramento no Brasil » a sua importância; durante a realização desta pesquisa, percebemos a necessidade de ir além dos indicadores objetivos sobre « Letramento » nela apontados.

## **Parte II- Os níveis de letramento propostos pelo INAF : impossibilidades.**

A obra revisitada apresenta três níveis de alfabetismo :

*« Optamos, assim, por utilizar apenas a classificação áalfabetismo`- no seu sentido tradicional- e definir três níveis de alfabetismo (1,2 e 3), descrevendo-o a partir das habilidades demonstradas no teste.*

- 1- Nível 1 : *« .... corresponde à capacidade de localizar informações explícitas em textos muito curtosm cuja configuração auxilia o reconhecimento do conteúdo solicitado. Por exemplo, identificar o título da revista utilizada na testagem ou, num anúncio, localizar a data em que se inicia uma campanha de vacinação ou a idade a partir da qual a vacina pode se tomada gratuitamente ». (Masagão, 2003, p. 16)*
- 2- Nível 2 : *« .... corresponde àquelas pessoas que conseguem localizar informações em textos curtos. Por exemplo, numa carta reclamando de um defeito numa geladeira comprada, identificam qual o defeito apresentado pela geladeira... ». (Masagão, 2003, p.16)*
- 3- Nível 3 : *« .... corresponde à capacidade de ler textos mais longos, podendo orientar-se por subtítulos, localizar mais de uma informação, de acordo com condições estabelecidas. As pessoas classificadas neste nível mostram-se capazes de relacionar partes do texto, comparar dois textosm realizar inferências e sínteses... ». (Masagão, 2003, p. 18)*

Infelizmente, apesar de parabenizarmos a iniciativa dos envolvidos na construção do Índice Nacional de Alfabetismo Funcional, colocamo-nos contra os níveis estabelecidos. Para tanto, apresentamos o conceito de letrismo (a)-funcional e ainda, seis metáforas que, por meio dos trabalhos que temos realizado, são as mais adequadas como referencial quando pensamos na temática da Educação de Jovens e Adultos.

## **Parte III- As metáforas como paradigmas da relação Homem / Letra**

Como sabemos, as metáforas são ferramentas extremamente importante na área de educação na medida em que comunicam indiretamente.

As metáforas complexas são histórias com diversos níveis de significado e revelam elementos ocultos da condição humana que pretensas objetividades e suas decorrências, conforme procuramos demonstrar, suas decorrentes porcentagens, são incapazes de traduzir.

A noção de arquétipo, desenvolvida por Jung, também é apropriada. Esta deriva de outra noção: “inconsciente coletivo” constituído pela tonalidade emocional dos indivíduos, no sentido de ser universal. Ou seja, os arquétipos possuem conteúdos que pertencem a todos os seres humanos, formando um substrato psíquico comum, suprapessoal, existente em cada indivíduo. *“O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta”*. (Jung, 2000, p. 17).

E ainda, *“Do inconsciente emanam influências determinantes, as quais, independentemente da tradição, conferem semelhança a cada indivíduo singular, e até identidade de experiências, bem como de forma de representá-las imaginativamente. Uma das provas principais disto é o paralelismo quase universal dos motivos mitológicos, que denominei arquétipos, devido à sua natureza primordial”*. (Jung, 2000, p. 71)

Os épicos gregos, histórias imaginárias, colocam em cena diferentes heróis e heroínas que apresentam aspectos da realidade humana considerados como paradigmas da subjetividade humana, de seus sentimentos mais profundos e irreveláveis. Ou seja, os mitos gregos representam a universalidade do humano. Assim apresentamos a proposta de que a relação Homem e Universo letrado assume, com nova roupagem, o fruto da tradição oral consolidado ao longo do tempo, hoje entendido como literatura clássica.

Escolhemos seis histórias de amor como metáforas, ou melhor, arquétipos do inconsciente, representativas, pelo que nossos dados coletados em campo no ano de 2003 indicam, das possíveis relações que podem se estabelecer entre o Homem e o universo escrito: O amor entre Píramos e Cisbe; Pigmalião e Galatéia; Báucis e Filêmon; Orfeu e Eurídice; Apolo e Dafne, e por último, Cêix e Alcíone.